Manuel Morais

Começou os seus estudos com 6 anos de idade no Colégio Vasco da Gama. Com os seus 10 anos, a estudar no Conservatório de Música Sons e Compassos com a professora Ana Luísa Agostinho, obteve, em 2008, uma Menção Honrosa no Concurso Internacional de Piano do Fundão, na sua categoria. Em 2011, passou a estudar no Conservatório de Música de Sintra com a professora Ana Mendonça, onde obteve, dois anos consecutivos, o 1.º prémio no Concurso Interno de Piano do conservatório. Já participou em vários cursos de aperfeiçoamento de piano com professores conceituados como Paulo Oliveira, Inês Andrade e Vladimir Viardo. Participou, também, em diversos concursos nacionais e internacionais, tais como o Concurso Internacional Santa Cecília, Concurso Internacional do Fundão, em que ganhou, na categoria de nível superior, o 3.º prémio e o prémio de melhor interpretação da peça portuguesa, Concurso Internacional de Piano do Alto Minho, onde obteve o 2.º prémio (*ex-aequo*) no Nível IV, e Concurso de Piano da Póvoa de Varzim.

Já fez vários recitais em diversos locais, destacando-se o Museu da Música Portuguesa Casa Verdades Faria e Palácio de Valenças, em Sintra. Em 2015, acabou o curso secundário e iniciou a licenciatura em Piano, na ESMAE - Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, com o professor Miguel Borges Coelho. Finalizou, em 2019, a licenciatura em Piano, com o professor Miguel Henriques, na Escola Superior de Música de Lisboa. Para além de pianista, é docente no Colégio Verde Água e no TASIS Portugal, sonoplasta de aplicações Apple, produtor e teclista de vários projetos.

"F. Liszt – Primeiro ano de peregrinação: Suíça"

Recital de Piano

Manuel Morais

Chapelle de Guillaume Tell (Capela de Guilherme Tell)

Liszt inspirado pela passagem de Schiller abre com um carácter heróico num andamento lento e pesado. Após uma passagem onde se ouve o eco a ressoar (nas montanhas), uma melodia gloriosa rica em harmonia surge em resposta desse momento, sem omitir o evidente peso que uma capela deve representar.

Schiller

Um por todos e todos por um.

Au lac de Wallenstadt (No lago Walen)

Representação do movimento quase parado da água, suportada pela mão esquerda ao longo de toda a peça. Sobre as pequenas ondas paira uma melodia fria e leve que por vezes salpica alguns pingos no registo agudo do piano.
Byron

O nosso lago contrastado
Com o mundo selvagem
Em que vivo é algo
Que me avisa
Com tranquilidade para abandonar

As águas turbulentas da Terra para uma Primavera mais pura
Nas suas memórias, a amante e companheira de
viagem do tempo de Liszt, Marie d'Algaut,
relembra o tempo passado junto ao lago Wallenstadt
em que escreve: "Franz deixou-me, enquanto lá estava,
uma harmonia melancólica que imitava
o suspirar das ondas e o movimento compassado
dos remos, que nunca consegui ouvir sem chorar.

Pastorale (Pastoral)

Uma curta passagem pelo campo com a evidente calma e simplicidade que pode transparecer.

Au bord d'une source (Ao lado de uma nascente)

Movimentos harmónicos graciosos, mas doces e tranquilos, é a indicação dada pelo compositor. Ouvir-se-á uma melodia em Lá bemol maior que se repete de forma variada (quer em registo, quer em articulação). Está espelhado aqui o som da nascente nas diversas secções que, embora semelhantes, transmitem esta imagem à usa maneira. Entre estas, ouvimos uma "cortina" cromática de sons que varre o piano repentinamente.

Schiller
É nos sussurros da frieza que a jovem natureza brinca.

Orage (Tempestade)

A tempestade em Dó menor, tonalidade normalmente associada à tragédia desde a cegueira de Beethoven. Na introdução, podemos ouvir a luz dos relâmpagos e respectivo som (com latência dada a distância) seguindo-se um enorme tormento do vento em forma de oitavas paralelas. A melodia abraça a constante tempestade da mão esquerda ao longo da peça que por vezes se sobressalta com saltos entre o registo grave e agudo. Antes da "reexposição" do tema principal, uma cadência livre dá lugar à melodia no registo grave. O fecho desta é igualmente violento, assumindo, de facto, a sua a sua tonalidade trágica, posteriormente ao movimento turbulento do temporal que se fez passar.

Byron canto 96:
Mas por onde andais, ò tempestades?
É a intenção?
Sois vós como aqueles no interior do peito
Ou encontrastes, por fim, como as águias,
um ninho alto?

Vallée d'Obermann (Vale d' Obermann)

Sem desvalorizar as restantes partes que compõe esta obra, esta é, seguramente, uma peça central que destaca a mestria estruturante e harmónica, sem esquecer a arrepiante melodia que eleva ainda mais o reconhecimento da própria. A primeira parte lento *assai evoca* uma fusão de harmonia apática e melodia dolorosa porém com ímpeto corajoso. Diferentes cores desencadeiam num longo silêncio que dá lugar a uma melodia angelical. Após diversas peripécias, um enorme crescendo dá lugar aos derradeiros compassos.
Byron canto 97:

Poderia eu encarnar e desabrochar agora
O que está mais dentro de mim
Poderia eu causar
Os meus pensamentos sobre a expressão e assim lançar
Alma, coração, mente, paixões, sentimentos, fortes ou fracos
Tudo o que eu poderia ter procurado e tudo o que procuro
Suportar, conhecer, sentir e ainda respirar – no mundo
E aquela uma palavra foi relâmpago
Que eu diria
Mas sendo assim, eu vivo e morro sem ser ouvido
Com o pensamento, silenciado, revestindo-o
como uma espada

Senancour Obermann:
O que quero eu?
Quem sou eu?
O que peço eu da natureza?

Eglogue (Écloga)

Ilustra-se a natureza de forma plena, sem sobressaltos com um movimento melódico e harmónico calmo e contemplador.

Pilgrimage
E amanheceu de novo, a manhã de orvalho
Com um sopro de todo o incenso e com a bochecha
toda florida. Rindo para afastar as nuvens
Com um desprezo brincalhão.
E a viver como se na terra,
não existisse nem uma sepultura.

Le mal du pays (Saudades de casa - Heimweh)

Ouvir-se-á uma melodia pesarosa que desencadeia em diversas tentativas de alcançar algo indefinido. Nisto, segue-se uma secção de memórias nostálgicas onde a melodia *adagio dolente* (calmo e magoado) descreve a saudade de casa. O pensamento é cíclico, tal como a repetição que Liszt fez questão de escrever em tonalidade diferente.

Les cloches de Genève: Nocturne (Os sinos de Genebra: Nocturno)

Os sinos tocam distantes… A liberdade e o rubato são enormes recordando os famosos nocturnos de Chopin. O movimento de arpejos descendentes sob a apaixonada melodia auxilia o ressoar do instrumento. A despedida é feita com os sinos ouvidos inicialmente num eco grave e longínquo…

Byron:
Eu não vivo em mim mesmo mas torno-me
Numa parte do que me rodeia.

Tradução: Carolina Ramos